

OPINIÃO

Desafios climáticos e escassez de crédito marcam o início da Safra 2024/2025, mas oportunidades tecnológicas se destacam

Robson Rizzon (*)

O início da safra 2024/2025 já aponta para um cenário de grandes desafios para os agricultores brasileiros.

Após o término do vazão sanitário da soja na segunda quinzena de setembro, os produtores rurais já se deparam com complicações climáticas inesperadas, com atrasos no plantio de soja e milho especialmente nas regiões do Cerrado brasileiro, em especial nas regiões Norte e Centro-Oeste. O clima mais quente e as chuvas irregulares, principalmente, no Sul adicionam incertezas, tornando essa uma das safras mais difíceis dos últimos anos.

Além do clima, a escassez do crédito rural é outro obstáculo. Com exigências mais rígidas, tanto ambientais quanto regulatórias, muitos agricultores têm encontrado dificuldades para acessar o crédito rural vindo do plano safra, o que é mais um desafio a poucos dias do início de suas operações. O cenário exige garantias maiores e processos mais criteriosos, o que torna o financiamento mais limitado.

Entretanto, as oportunidades não foram completamente ofuscadas. O aumento do crédito digital e online traz uma alternativa promissora para os produtores. Plataformas que comercializam insumos agrícolas e oferecem também a possibilidade de resgate de serviços agrônômicos, como análises de solo têm ganhado espaço e se mostram fundamentais em um ano onde a redução de despesas é crucial.

Uso racional de insumos e tecnologias inovadoras

Com os custos crescentes e o crédito mais escasso, o uso eficiente de fertilizantes, defensivos e outros insumos se torna ainda mais relevante. A adoção de tecnologias digitais, como a aplicação aérea de defensivos por meio

de drones e também o uso de biológicos, tem avançado entre os agricultores brasileiros. As biofábricas, que permitem a produção de insumos biológicos nas próprias propriedades, são uma tendência em crescimento, proporcionando uma alternativa sustentável e econômica.

Essa inovação está ajudando os produtores a maximizar a eficiência de suas operações e a reduzir custos neste momento. Além disso, a conectividade nas áreas rurais, com acesso à internet 24 horas por dia, tem impulsionado o uso de soluções digitais para plantios mais precisos, algo que vem ganhando força e otimizando a gestão no campo.

Comercialização da safra e o cenário global

No mercado internacional, a concorrência com os Estados Unidos, que colhe uma safra recorde, adiciona mais um desafio à comercialização de soja e milho. Isso pode impactar os preços das commodities e forçar os agricultores brasileiros a repensarem suas estratégias de venda.

Embora culturas como arroz, feijão e café estejam entregando boas perspectivas de remuneração, a soja e o milho continuam sendo os focos das maiores dificuldades, tanto na produção quanto na comercialização. Mesmo assim, a inovação tecnológica e a adaptação rápida dos agricultores têm sido fatores determinantes para enfrentar um cenário mais adverso.

Em resumo mais simples, podemos dizer que a safra 2024/2025 começa com grandes desafios, diante do clima instável, do crédito escasso e da forte concorrência global. Mas, ao mesmo tempo, surgem oportunidades importantes por meio de soluções tecnológicas e inovação no manejo agrícola, que oferecem alternativas para que os produtores superem as dificuldades e possam avançar de forma resiliente.

(*) Chief Commercial Officer (CCO) da Orbia e produtor rural.

Emissões de carbono financiadas na carteira agropecuária

As emissões de carbono financiadas referem-se aos gases de efeito estufa (GEE) liberados por atividades que recebem apoio financeiro de bancos e outras instituições, como empréstimos, investimentos e financiamentos. Essas emissões, apesar de serem geradas por terceiros — no caso, os clientes do setor financeiro —, são indiretamente atribuídas às instituições financeiras que fornecem recursos para a realização dessas atividades. Segundo a pesquisa desenvolvida pela WayCarbon em parceria com o Banco Santander, no contexto da agropecuária, setor responsável por aproximadamente 24% das emissões totais de GEE no Brasil, as emissões financiadas têm um papel fundamental.

A engenheira ambiental e sócia da Climate Tech Vankka, Clarissa M. de Souza, explica que a agropecuária brasileira é reconhecida como uma das principais responsáveis pela emissão de carbono no país, com o desmatamento vinculado à expansão das fronteiras agrícolas sendo uma das suas



Clarissa de Souza, COO da Vankka.

maiores fontes de emissões. “Estima-se que quase a metade das emissões totais de GEE no Brasil em 2021, sejam provenientes do desmatamento, enquanto o manejo agropecuário e as mudanças no uso da terra compõem uma parcela significativa das emissões indiretas financiadas por instituições financeiras. Nesse cenário, bancos que financiam o setor agrícola acabam participando, indiretamente, dessas emissões, o que traz um desafio adicional para suas metas de sustentabilidade”, afirma.

Planejamento é a base da sucessão familiar no agronegócio

Com desafios emocionais e gerenciais, a perpetuidade de negócios agrícolas e rurais requerem cuidados especiais e boa governança para evitar a dissolução do legado

A sucessão é uma etapa essencial para garantir a perpetuidade das empresas familiares. No campo não é diferente. E os negócios passados de pais para os filhos representam uma grande parcela das propriedades rurais. Contudo, a falta de planejamento adequado tem comprometido essa perpetuidade. Segundo o Sebrae, menos de 30% das empresas familiares chegam à segunda geração, e esse índice cai para 5%, na terceira. A ausência de preparo e a gestão de conflitos ineficaz são fatores que frequentemente minam a transição.

Todo esse processo vai além da simples “troca de bastão”, e envolve a preparação dos herdeiros, a criação de uma governança estruturada, e a implementação de estratégias de inovação que permitam que a nova geração mantenha e amplie o negócio. Um dos maiores erros é subestimar o tempo necessário para preparar a transição, o que pode levar anos.

Na contramão dessa realidade, há exemplos de empresas familiares que planejaram muito bem a troca de comando. Um grande exemplo é a família Martins, que administra o Grupo J2M. A corporação é composta pelas empresas FertiSystem (especialista em tecnologias para o plantio), Solve (atua com transformação em polímeros por meio de injeção plástica e impressões 3D) e Martins Agronegócios (divisão agrícola, de avicultura e citricultura) há alguns anos começou a transição familiar.

Segundo Mariana Grando, engenheira agrônoma e atual diretora de negócios na FertiSystem, todo o processo exige um planejamento detalhado e de longo prazo. “Aqui, tudo começou com o desejo de crescimento contínuo e perpetuidade. O sucessor precisa estar preparado para assumir as responsabilidades e conhecer profundamente o negócio. Porém, isso leva tempo e requer uma dedicação constante”, explica.

Paralelamente a isso, além de dedicação, a preparação de quem vai assumir os negócios, envolve o conhecimento técnico da empresa, do mercado e dos produtos, e ainda o desenvolvimento de habilidades emocionais e de liderança. “Uma sucessão bem-sucedida está diretamente relacionada à capacidade do sucessor de entender a essência do negócio e ser capaz de liderar a



Família Martins

empresa com visão estratégica”, completa a diretora.

Percalços

A gestão de conflitos é uma das maiores dificuldades no processo. Na maioria dos casos, as famílias enfrentam divergências sobre o futuro do negócio, o que pode agravar tensões e prejudicar a transição. Além da preparação técnica e emocional, outro ponto importante do processo é a governança familiar. A criação de regras claras sobre papéis e responsabilidades dentro da empresa é fundamental para evitar esses problemas e mitigar conflitos. “Em nosso caso, criamos uma governança clara, com regras sobre a entrada e saída de membros da família, além de definir papéis e responsabilidades”, relata Mariana.

Quando bem executada, a transferência de liderança pode ser um motor de inovação para todas as empresas, incluindo as do ramo agrícola. A continuidade das operações depende de como a nova geração se adapta às mudanças no setor e às exigências do mercado, incluindo a adoção de práticas sustentáveis e de novas tecnologias.

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontam que o

agro responde por cerca de 26% do Produto Interno Bruto (PIB) do país, e a introdução de inovações tecnológicas é vital para seu crescimento. “Essa transição é um processo que deve ser cuidadosamente planejado para garantir a continuidade dos negócios e a adaptação às demandas do setor”, frisa a diretora.

Além disso, o apoio de consultorias especializadas e um planejamento estratégico bem definido facilitam a governança e o desenvolvimento da empresa. Desta forma, garante que o negócio familiar continue competitivo e assegura que a nova liderança possa preservar o legado, ao mesmo tempo em que promove o crescimento sustentável.

Mariana ressalta que a sucessão no agronegócio é um processo complexo que exige planejamento, preparação técnica e emocional, além da criação de uma governança sólida. O caso da FertiSystem demonstra que, com o preparo adequado e o suporte de consultorias especializadas, é possível não apenas garantir a continuidade, mas também, impulsioná-la para um crescimento inovador. “Sucessão familiar não é só sobre herança, é sobre o legado e a perpetuação de valores, inovação e sustentabilidade”, conclui.

Doença Respiratória Bovina: Um desafio a ser superado

A Doença Respiratória Bovina (DRB) é um dos principais desafios da pecuária mundial, especialmente nos sistemas mais intensivos de produção. Com origem multifatorial, a enfermidade ocorre por um desequilíbrio entre as defesas naturais das vias respiratórias superiores dos bovinos, o que favorece a proliferação local dos agentes infecciosos e sua migração para os pulmões.

Situações que promovem o estresse dos animais como a formação de novos lotes, transportes por longas distâncias, restrição de água e comida, a mistura de animais de origens diversas e a acidose metabólica que pode ocorrer pela troca da dieta são fatores que predis põem à DRB. O excesso de poeira e a formação de gases tóxicos (amônia) produzidos pelo acúmulo de material orgânico (urina, fezes e alimentos) e umidade, promovem a irritação das vias aéreas superiores dos bovinos, favorecendo a queda da imunidade local e a ocorrência da doença.

“A DRB é uma doença multifatorial que normalmente acontece por um desequilíbrio nas defesas naturais nas vias respiratórias superiores dos bovinos, algo que favorece a proliferação de agentes infecciosos oportunistas, principalmente bactérias que habitam naturalmente estes locais do trato respiratório. A proliferação bacteriana e a migração destes agentes para os pulmões promovem um quadro inflamatório local, que é agravado com a produção de toxinas”, explica o médico veterinário e gerente de serviços veterinários para bovinos da Ceva Saúde Animal, Marcos Malacco.

Nos confinamentos onde há casos de DRB, o ganho de peso médio diário (GMD) dos animais afetados e que não vão à óbito é severamente comprometido, obrigando um maior tempo para o alcance do peso desejado para o abate e reduzindo o rendimento e a qualidade das carcaças.

“O período de maior incidência de surtos de DRB nos confinamentos de bovinos de



correspondem aos primeiros 45 dias de confinamento do gado, especialmente nas 2 ou 3 primeiras semanas. Durante esse período, é recomendado que as rondas sanitárias ocorram pelo menos duas vezes ao dia e que elas sejam mais criteriosas, estimulando os animais a levantar e caminhar, a fim de perceber sinais como, cansaço, relutância em caminhar, tosse, espirros, chiados e roncões ao repesar, lacrimejamento, corrimento nasal e “olhos fundos”, que é um importante indicativo de desidratação”, Malacco adverte.

Quando a intervenção para o tratamento da doença não é rápida e eficaz, o quadro progride com agilidade e o animal vai à óbito em poucos dias. “O controle rápido e adequado ao processo inflamatório pulmonar é essencial para a recuperação dos animais acometidos, sendo tão importante quanto o controle eficaz dos agentes infecciosos. A utilização do meloxicam (potente anti-inflamatório não esteroide) junto ao florfenicol (antibiótico altamente efetivo sobre os principais agentes bacterianos envolvidos na DRB), em formulação que permita rápido início e controle duradouro da infecção e da inflamação, é primordial para a regressão do

quadro e o retorno do animal ao seu estado de saúde adequado”, conta o médico veterinário.

Entender sobre a doença, sua prevenção e tratamento possibilita que os pecuaristas evitem perdas financeiras significativas. “Muitos fatores contribuem para a redução da incidência da DRB nos confinamentos, como o emprego de técnicas de pré-condicionamento ou socialização prévia do gado antes de entrar no sistema intensivo, estratégias nutricionais adequadas para evitar estresse nutricional que interfira negativamente na sua imunidade, vacinações contra os principais agentes infecciosos associados à DRB, a metafilaxia em alguns casos e o tratamento rápido e adequado dos bovinos acometidos pela doença”, conta o profissional. “Para este último fator, é importante termos em mente que além da infecção bacteriana propriamente, a reação inflamatória pulmonar determinada pela infecção costuma ser grave. Portanto a combinação de um potente anti-inflamatório não esteroide (AINE) com baixos índices de reações indesejáveis junto a um antibiótico efetivo e com baixas taxas de resistência bacteriana é o caminho ideal para o tratamento da DRB.

Ciente disso, a Ceva oferece ao mercado brasileiro o Zeleris®. “O produto apresenta uma associação exclusiva de florfenicol com o meloxicam. Sua formulação permite tratamento único através de injeção pela via subcutânea. Esse tratamento atua contra os principais agentes infecciosos bacterianos e contra a inflamação por pelo menos 3 dias. A ação antibacteriana se inicia rapidamente após a aplicação subcutânea e níveis plasmáticos significativos do Florfenicol já são alcançados em menos de 1 hora, auxiliando no rápido controle da infecção que persiste por pelo menos 3 dias. Desta forma é possível agir de forma rápida e eficiente no controle da infecção. Além disso a formulação de Zeleris® permite o controle da inflamação pulmonar por 3 dias, permitindo a aplicação única. Estes benefícios extras contribuem para menos estresse e melhor bem-estar aos animais, além de redução da mão de obra por parte da equipe da fazenda”, reforça Malacco.